

Mudar de voz

ESTOU ME ACOSTUMANDO com minha nova voz. A ingestão de testosterona aumenta e engrossa as cordas vocais, produzindo um timbre mais grave. Essa voz surge como uma máscara de ar vinda de dentro. Sinto uma vibração que se propaga na garganta como se fosse uma gravação e sai pela boca, transformando-a num megafone do estranho. Eu não me reconheço. Mas o que quer dizer o “eu” nessa frase? “Pode o subalterno falar?”: a pergunta que Gayatri C. Spivak fazia pensando nas complexas condições de enunciação dos povos colonizados ganha agora um sentido distinto. E se o subalterno fosse também uma possibilidade sempre já contida em nosso próprio processo de subjetivação? Como deixar que nosso subalterno trans fale? E com que voz? E se perder a própria voz, como índice ontoteológico da soberania do sujeito, fosse a primeira condição para deixar falar o subalterno?

É claro que os outros tampouco reconhecem a voz que a testosterona provoca. O telefone deixou de ser um fiel emissário para converter-se num traidor. Ligo para minha mãe e ela responde: “Quem é? Quem está falando?”. A ruptura do reconhecimento torna explícita uma distância que sempre existiu. Eu falava, eles não me reconheciam. A necessidade de verificação põe à prova a filiação. Sou realmente seu filho? Alguma vez fui realmente seu filho? Às vezes desligo porque tenho medo de não ser capaz de explicar o que está acontecendo. Às vezes respondo: “Sou eu”, acrescentando

imediatamente: “Estou bem”, como quem tenta evitar que a dúvida ou o alarme se anteponham à aceitação.

Uma voz que até agora não era a minha busca refúgio em meu corpo e vou lhe dar. Tenho viajado constantemente, uma semana em Istambul, outra em Kiev ou em Barcelona, Atenas, Berlim, Kassel, Frankfurt, Helsinque, Turim, Stuttgart... A viagem traduz o processo de mutação, como se a deriva exterior tentasse relatar o nomadismo interior. Nunca acordo duas vezes na mesma cama... nem no mesmo corpo. Por todos os lados, ouve-se o rumor da batalha entre a permanência e a mudança, entre a identidade e a diferença, entre a fronteira e a flutuação, entre os que ficam e os que são obrigados a partir, entre a morte e o desejo.

Essa voz aparentemente masculina recodifica meu corpo, liberando-o da verificação anatômica. A violência epistêmica do binarismo sexual e de gênero reduz a radical heterogeneidade dessa nova voz à masculinidade. A voz é o senhor da verdade. Relembro então a possível raiz comum das palavras latinas “testemunha” e “testículo”. Só quem tem testículos pode falar diante da lei. Assim como a pílula induziu uma separação técnica entre heterossexualidade e reprodução, o ciclopentilpropionato, a testosterona que me injeto agora por via intramuscular, torna a produção hormonal independente dos testículos. Em outras palavras, “meus” testículos — se por eles entendemos o órgão produtor de testosterona — são inorgânicos, externos, coletivos, e dependem em parte da indústria farmacêutica e em parte das instituições legais e sanitárias que me dão acesso à molécula. “Meus” testículos são um pequeno frasco de 250 miligramas que viaja em minha mochila. A questão não é “meus” testículos estarem

fora do meu corpo, mas sim o “meu” corpo estar além da “minha” pele, num lugar que não pode ser pensado simplesmente como meu. O corpo não é propriedade, mas relação. A identidade (sexual, de gênero, nacional ou racial) não é essência, mas relação.

Meus testículos são um órgão político que inventamos coletivamente e que nos permite produzir intencionalmente uma variedade de masculinidade social: um conjunto de modalidades de encarnação que reconhecemos, por convenção cultural, como masculinas. Ao chegar ao meu sangue, a testosterona sintética estimula a adeno-hipófise e o hipotálamo e os ovários param de produzir óvulos. Não há, contudo, produção de esperma, pois meu corpo não possui células de Sertoli nem tubos seminíferos. Imagino que não está tão distante o dia em que eles poderão ser desenhados por uma impressora 3D a partir do meu próprio DNA. Mas, por enquanto, dentro de nossa episteme capital-petrolífero-linguística, minha identidade trans terá de ser feita por meio de uma bricolagem muito mais *low-tech*. Se tivéssemos dedicado tanta investigação para nos comunicar com as árvores quanto dedicamos à extração e uso do petróleo, talvez pudéssemos iluminar uma cidade por meio da fotossíntese ou sentir a seiva vegetal correndo por nossas veias, mas nossa civilização ocidental especializou-se no capital e na dominação, na taxonomia e na identificação, e não na cooperação e na mutação. Em outra episteme, minha nova voz seria a voz da baleia ou o som do trovão; aqui ela é simplesmente uma voz masculina.

Toda manhã, o tom da primeira palavra que pronuncio é um enigma. A voz que fala através do meu corpo não se lembra de si mesma. O rosto mutante tampouco pode servir como lugar estável

para que a voz busque um território de identificação. Essa voz cambiante não é nem simplesmente uma nem simplesmente masculina. Pelo contrário, ela flexiona a subjetividade no plural; não diz eu, diz somos a viagem. Talvez seja o que resta do eu ocidental e de sua absurda pretensão de autonomia individual: ser o lugar no qual se desfaz e refaz a voz, o lugar, teria dito Derrida, a partir do qual se opera a desconstrução do fono-logo-falo-centrismo. Despossuído da voz como verdade do sujeito e sabendo que os testículos são sempre um aparato social protético, sinto-me como um cômico caso de estudo derridiano e rio de mim mesmo. E, ao rir, noto que esta nova voz salta em minha garganta.

Atenas, 24 de outubro de 2015